

BIBLIOGRAFIA

EDUARDO BRAZÃO — *Colecção de concordatas estabelecidas entre Portugal e a Santa Sé de 1238 a 1940* — Livraria Bertrand — Lisboa, 1941 — págs. 260.

O dr. Eduardo Brazão, que durante o ano de 1941 esteve em Roma como bolseiro do Instituto para a Alta Cultura, começou agora por publicar uma «*Colecção de concordatas estabelecidas entre Portugal e a Santa Sé de 1238 a 1940*».

Seguir-se-ão os volumes já terminados dos documentos do Vaticano, colecção monumental que deverá ser continuada até completa publicação dos papéis referentes a Portugal, existentes nos Arquivos da Santa Sé.

Nesta *Colecção de concordatas* agora publicadas, pretendeu o seu compilador e anotador tornar conhecidos os instrumentos formais da diplomacia luso-vaticana, para dar em seguida os trâmites de todas as negociações havidas entre os dois Estados através dos documentos em vias de aparecer.

O a. começa este trabalho por nos expôr a teoria do direito concordatário, rematando com o plano da obra presente. Cada concordata é apresentada no seu texto oficial e antecedida por uma nota introdutória onde se dá a conhecer a sua tradução e se explicam os seus antecedentes e a sua finalidade.

O compilador reuniu 16 acórdos estabelecidos entre o governo de Lisboa e a Cúria Romana, vindo até aos últimos assinados recentemente no Ano Aureo das Comemorações Centenárias.

Assim, conseguimos hoje possuir, num único volume, os textos concordatários portugueses, o que é extremamente útil, sendo esta colecção, simultaneamente uma obra indispensável ao grandioso plano de conjunto que o a. traçou e já começou a realizar.

THEOPHILO DUARTE — *Sidónio Pais e o seu consulado* — Liv. Portugália — Lisboa, 1941 — págs. 374.

O quadro político, social e económico que D. faz dos pri-

A Redacção de «Estudos» dará oportuna notícia de todas as publicações recebidas, que tenham carácter cultural ou científico.

meiros anos de república portuguesa, ocupa bem 135 páginas do volume e contém todos os elementos necessários à compreensão daquele fenómeno de decadência política que devia terminar no acto de força de Sidónio Pais, o homem justamente definido o «precursor do regime político autoritário e corporativo» em Portugal.

Sigamos Duarte nos seus exames e nos seus juízos. O descrédito em que tinha caído a monarquia explica a forma como a opinião pública lusitana acolheu a proclamação da república: sem entusiasmo mas também sem hostilidade. Bem depressa, porém, o desconforto e o descontentamento geral prevalecem, ao assistir à má prova que de si dá o novo regime. Todavia, nos primeiros anos é impossível uma reacção: pelo fraccionamento dos partidos, pelo exasperado autoritarismo do democrático-maçónico, pela pesada herança que o futuro governo deveria ter assumido. Começam os anos das conspirações, das conjuras de palácio, das lutas intestinas, começa sobretudo a dissolução social do País que passo a passo se encaminha para a orla do abismo.

Duarte estuda com vigor o panorama político através da fisionomia dos partidos, das condições económicas. Situação aflitiva da agricultura, da indústria, do comércio (a Inglaterra também então punha obstáculos

aos reabastecimentos da Metrópole, com o facto de não ceder os navios que os próprios portugueses lhe tinham fretado), das classes operárias, da Igreja, do Exército. As greves, os assaltos à propriedade privada, as sublevações contra a autoridade, eram quotidianas.

Quais as forças vivas que podiam ditar uma nova direcção a Portugal? Do quadro que o autor desenvolve, nenhum partido estava em condições. Não obstante, o *Integralismo* — sob o ponto de vista doutrinário — constituía uma corrente que merecia interesse. Ele forneceu homens de fé e de pensamento, entre todos, em primeiro lugar, António Sardinha; depois João de Amaral, Hipólito Raposo, Almeida Braga, Pequito Rebelo, Conde de Monsaraz e, mais tarde, inteligências das mais devotas do actual regime.

Como historiador, Sardinha tem indubitavelmente deficiências e falta de uma adequada preparação crítica; mas como doutrinário fez brilhantes sínteses e intensos exames clínicos à vida política do país. Ainda hoje se lê com curiosidade tudo o que escreve sobre as directrizes históricas da expansão colonial portuguesa: que ela não deveria ter atingido o longínquo sul da África mas só o norte do continente negro! Paradoxo, por certo, de um espírito inquieto.

Precursor, num certo sentido, dos actuais princípios fascistas

(feitas as devidas distinções de ambiente e de cultura, foi para Portugal o que o nosso Corradini representou para a Itália nacionalista), Sardinha teve nítidas visões. Duarte interpreta assim (pág. 110) o seu pensamento sobre o problema da raça: «*A expulsão dos judeus por D. Manuel, justificava-a como medida tendente a evitar que o tipo puro de português fosse contaminado por sangue asiático, lançando nele o fermento dos dissídios espirituais e racionais. Mais tarde, a Inquisição, na sequência desta política, adaptada às circunstâncias em que tinham ficado os conversos, feria de incapacidade privada e pública, judeus, mouriscos e mulatos, e se esta orientação não tivesse sido abandonada por Pombal, não se teria assistido à proclamação da República, que não é apenas um episódio político, mas sim a substituição de um factor étnico por outro. Sardinha, ao escrever tal frase, tinha em mente a preponderância política e espiritual, que no seu tempo cabia a Afonso Costa, Granjo, Junqueiro e outros descendentes de judeus, e a João Chagas, Henrique de Vasconcelos e Alberto Xavier, mulatos e índios, todos eles militando no campo do radicalismo mais extremo*». Julzo um pouco duro de um polemista, como toda a vida de Sardinha é uma polémica.

O golpe de força de 5 de Dezembro de 1917, cortando as de-

moras, vê a assunção de Sidónio Pais à suprema magistratura da República e, permanecendo na história portuguesa como a primeira tentativa de governo autoritário e corporativo, cria a figura do ditador lusitano.

Notável a actividade legislativa de Sidónio Pais; dela beneficia a Igreja católica com o restabelecimento das relações diplomáticas, com reconhecimento da gerarquia eclesiástica e da liberdade religiosa no País. A política financeira também se engrandece com equilíbrio da balança, com a instituição do tributo sobre os lucros extraordinários, com a reforma do contrato com o Banco de Portugal.

A importância dos problemas agrícolas é reconhecida com a criação da pasta da Agricultura, que favorece o incremento da produção cerealífera. A questão social dá um notável passo para a frente com a subvenção dada às actividades industriais, ao crédito, à indústria e ao comércio, com as construções de casas económicas, com a assistência às classes pobres, à maternidade e infância, à hospitalização, à reforma do ensino, etc., etc.

O efeito moral do exemplo de Sidónio Pais é considerável visto que o povo lusitano sente, depois de uma longa desordem democrática, que um ditador é um benefício em certos momentos da história de um país. O entusiasmo que o general levantou na juventude e na parte mais sã

do opinião pública foi frutífero. Ele não procurou o apoio de um partido mas o de toda uma geração. A sua obra — ditador em nome da lei e da história — preparou assim os ânimos para a aceitação do princípio da ditadura, capaz de compreender os problemas, não só politicamente mas também tecnicamente.

O assassinato de Sidónio Pais, ao qual não foi estranha a maçonaria internacional, especialmente a francesa, fez recair o país no drama constitucional e político. A retouça dos partidos recomeça, o ciclo das sublevações militares volta, a unidade do país é novamente ameaçada. Tudo isto deverá durar até 1926: o ano do renascimento, da revolução de Carmona e Salazar, os construtores de Portugal.

De qualquer maneira que se queira pensar, o efêmero regime sidonista pode considerar-se uma antecipação do Estado Novo Português, com o qual, sob diversos aspectos, tem de comum o princípio da revalorização do sentimento nacional, da directriz histórica e política do Portugal de sempre.

Tal o quadro desenhado por Duarte, em estilo simples e claro, com uma exposição objectiva dos factos, e uma singular independência de pensamento, dotes principais do homem que, com Sidónio Pais, viveu as ambições e os sonhos da ressurreição lusitana (d. s.).

GIOACCHINO VOLPE — *História do Movimento Fascista* — Novíssima — Roma, 1941 — págs. 254.

A edição deste livro em língua portuguesa traduz integralmente o pensamento e a original síntese histórica de Volpe, síntese equilibrada e vigorosa de acontecimentos vizinhos e longínquos, todavia presentes na nossa paixão e sensibilidade de Italianos.

O fascismo, hoje, não é só o desenvolvimento daquelas premissas teóricas e sentimentais, políticas e sociais, ideológicas e doutrinares que determinaram o seu nascimento; as suas raízes históricas estão mais além, pois brotam do Ressurgimento (séc. XIX). Nas suas origens, o Fascismo, é evidente esforço, teórico, de dar à Itália plena consciência da nação, de criar um estado unitário, com a sua ardente aspiração de um futuro imperial, com o fermento idealístico e os mitos do «primado» de Gioberti e da «missão» de Mazzini; ele contém elementos de socialismo de Pisacane, revela virtudes garibaldinas, razões de vida, e sentimentos políticos que são a continuação directa dos do Ressurgimento.

Mais tarde então, vem a dar-se o desenvolvimento da parte legislativa do Regime, iniciada com a reforma do Estado, prosseguida com a Conciliação, solidificada depois com o potenciamento

económico, técnico e espiritual da Nação, desabrochada, enfim, no Estado corporativo e totalitário.

A vitalidade do movimento criado por Mussolini (e nisto prova o seu valor histórico) é tal que veio a anular o socialismo marxista, batido não só sobre o terreno político mas ainda sobre o ideológico e doutrinário — veio a absorver a própria corrente nacionalista fundada por Corradini, que também representava a renovada consciência do valor da burguesia produtiva, dos sindicatos operários nacionais, da solidariedade civil dos melhores italianos — veio a assimilar, em grande parte, o sindicalismo revolucionário (Olivetti), que informou os seus princípios em Bergson e Sorel, com a sua força criadora, a «filosofia da vontade», o «idealismo revolucionário». As várias e múltiplas correntes, muitas vezes contrastantes, da história de Itália foram todas reassumidas e novamente elaboradas pelo Fascismo.

Aquilo que o movimento de Mussolini realizou no campo político, social, económico e legislativo, todos o sabemos. Ao historiador cabe, ao contrário, estudar as origens, os parentescos, os primeiros dias da revolução da ordem e da autoridade; como nasceu, como se afirmou na psicologia das massas, atraídas desde o primeiro instante pela palavra fascinadora do Duce.

O livro de Volpe ajuda o leitor a penetrar no íntimo de um

fenómeno que — tendo transposto com a potência da sua sugestividade, os confines da Itália — devia mais tarde orientar a revolução europeia contra as forças ocultas e manifestas, que pretendiam destruir a sua unidade moral e histórica, a sua independência económica, social, espiritual sobretudo. Nesta revolução europeia, também Portugal de Salazar trouxe, sem dúvida, decisivos contributos de vontade, de paixão, de credo latino e de fé católica. (d. s.)

ERNESTO SOARES — *Gregório Francisco de Queiroz Gravador em metal (a sua vida e a sua obra)* — Lisboa, 1941.

O autor, que carinhosamente tem tratado este ramo da arte, publicou, destinado apenas a ofertas, um opúsculo, em separata da sua *História da Gravura Antística em Portugal*, onde estuda a vida deste notável abridor, dos princípios do século XIX, e a sua obra artística que ocupa, dentro da arte portuguesa um lugar de merecido realce. Queiroz foi discípulo do célebre florentino Bartolozzi durante os últimos anos da sua estada em Londres, e pode ser considerado como um dos mais brilhantes artistas da gravura sobre metal. Mais tarde, quando da vinda de Bartolozzi para Portugal, acompanhou-o como seu ajudante e por morte do mestre veio a suceder-lhe no cargo, até 1836. É

de todo o interesse a biografia do artista que nos apresenta contrastes flagrantes entre o valor da sua obra e a agitação da sua vida de funcionário do Estado, como mestre de uma aula, que, bem pode dizer-se, foi o último lampejo da mimosa arte da gravura em excavação no nosso país.

Queiroz honra, sem dúvida, o mestre e alguma coisa acrescenta à coroa artística de Francesco Bartolozzi cuja mão expedita e processos de gravar se revelam em muitas das suas numerosas e artísticas estampas.

A. BERNARDY — *Portugal e Roma* — I. R. C. E. — Roma, 1941 — págs. 82.

A escritora A. Bernardy apresenta uma série de factos documentados, que demonstram os laços históricos, culturais e religiosos que no passado uniram Portugal e Roma. Foram instrumento desses laços: Reis, Cardeais, Príncipes, homens de estudo e guerreiros portugueses, como o Bispo de Guimarães, que subiu a Sumo Pontífice, o Papa português João XXI, Santo António, Beato Amadeu e Beato Gonçalo. A Ordem dos Cavaleiros de Cristo, de origem portuguesa, tem a sua instituição oficial em Roma.

Portugal e Roma refere-se ainda à Igreja e à Casa de Santo António dos Portugueses em Roma, à Academia de Portugal, fundada por D. João V, ao Pon-

tifício Colégio Português, às relações da Itália com a Arcádia, às visitas que reis e artistas fizeram à Península italiana durante o século XVIII.

Breve mas sucosa, a narrativa desenrola-se limpidamente até às últimas páginas, documentando uma vez mais a firmeza dos vínculos que uniram, unem e unirão, os dois povos latinos.

SEBASTIANO CRINÓ — *Come sono pervenuto alla identificazione della Carta originale di P. dal Pozzo Toscanelli, ecc.* — «Il Libro Italiano» — Roma, 1941 — pág. 25.

A obra do prof. Sebastiano Crinó, da R. Universidade de Florença, há mais de trinta anos que observa e documenta os erros propagados no estrangeiro sobre os principais planisférios e portolanos compilados em Itália, antes e durante o período das grandes descobertas geográficas, apreciando cartas e portolanos de autores italianos anónimos ou atribuídos a estrangeiros, revelando aos estudiosos medidas náuticas e sistemas de navegação até hoje completamente ignorados, destruindo os erros que se haviam acumulado sobre a cartografia do Extremo Oriente, reivindicando para a Itália o mérito de ter ensinado aos orientais os novos métodos científicos para a construção das cartas geográficas, fornecendo a documentação de que foram os nos-

sos navegadores a indicar aos outros povos as estradas do mundo no período que deve ter precedido as grandes descobertas geográficas.

Os mesmos critérios sugeriram ao autor o estudo da carta de Paolo Dal Pozzo Toscanelli, carta que serviu de guia a Cristovão Colombo para a viagem ao Novo Mundo, da qual falámos no número 5 do nosso «Estudos». Crinó publica agora, em separata da revista «O Livro Italiano no mundo», um outro estudo, no qual explica como conseguiu chegar à identificação da Carta original de Toscanelli.

Do célebre estudioso florentino, recorda: os colóquios com os embaixadores portugueses e a correspondência com o Canonico Fernando Martins; estuda as fontes da Carta, a concepção cosmográfica do seu autor, a origem da empresa colombiana. Em seguida, refere como logrou acertar a perfeita concordância da Carta com a missiva toscanelliana de 25 de Junho de 1471, que a acompanhava. (d. s.)

ALDO BIZZARRI — *Origine e caratteri dello Stato Nuovo Portoghese* — I. S. P. I. — Milão, 1941 — págs. 355.

A simpatia e o interesse com que a Itália tem seguido a vida e a cultura de Portugal, são demonstrados por várias publicações (algumas de excepcional valor, como as editadas há tempo

pela R. Academia de Itália e pela Obra do Génio Italiano no Estrangeiro), a última das quais é um importante volume do Prof. Bizzarri, que já foi Director do nosso Instituto.

Convém dizer que se trata de uma colecção de documentos oficiais, oportunamente apresentados aos leitores por Gioacchino Volpe e cuidadosamente postilados pelo autor do livro. Com o auxílio dos principais textos legislativos e declarações públicas, B. estuda e expõe, passo a passo, a história do Estado Novo Português: desde a revolução de 1926 à nova constituição, desde a legislação financeira e corporativa à educação e organização da mocidade, desde a política exterior e colonial às relações com a Igreja, especialmente no campo das possessões ultramarinas, etc.

Pelo confronto com o nosso Regime, é inegável que aparecem certas afinidades e semelhanças: anti-democracia, esforço de inserir o movimento sobre a tradição, igual reconhecimento da propriedade, do capital, do trabalho em função social, protecção do operário, política da família, revalorização do sentimento religioso, etc. Postas assim as analogias, é justo salientar com quanta perseverança Portugal mantém a originalidade da sua revolução, tipicamente nacional. É esta, talvez, a maior grandeza de Salazar, cuja prestigiosa figura brota viva e inteligente das

páginas deste livro, com a sua incansável obra de construtor, a sua grande fé de católico e de homem de acção.

ROBERTO CANTALUPO — *Brasile Euro-Americano* — I. S. P. I. — Milão, 1941 — págs. 214.

O incêndio — propagando-se também no ocidente atlântico — viu, infelizmente, com máguia dos cultores da latinidade, o Brasil pôr-se ao lado das plutocracias. Todavia, em nenhum país da América meridional a contribuição italiana foi tão intensa e activa como nesta república. Cidades inteiras, como São Paulo, o demonstram. No Brasil a emigração italiana iniciou-se, podemos dizer, logo depois da sua descoberta, com o desembarque naquelas costas dos três irmãos genoveses, Francesco, Giuseppe e Paolo Adorno, efectuado em 1530, com o consentimento do Rei D. João III de Portugal. Aos Adorno — que constituíram com o tempo uma das maiores famílias brasileiras — seguiram-se outros italianos, de nomes ilustres como os Accialoli e os Cavalcanti, florentinos, os Doria e os Fregoso, genoveses, os Sanfelice napolitanos, etc. A esses poder-se-iam acrescentar outros em grande número; nomes e nomes, a maior parte ignorados, todo um mar humano que saturou de si o País e que tanto contribuiu para o desenvolvimento agrícola, industrial e financeiro.

Um escritor brasileiro. Pedro Calmon, afirma: «No Brasil o génio latino ampliou uma área cósmica às novas e soberbas aventuras da sua raça, representada nos nossos dias pelo nobre elemento italiano, que soube dedicar-se à sua tarefa civilizadora num ambiente acessível às melhores afirmações do valor humano».

Este livro de Roberto Cantalupo não faz excepção à regra de todas as obras italianas sobre este assunto. A visão que ele oferece da grande República sul-americana é ampla e variada, desenhada com aquêle traço seguro que os leitores dos seus outros numerosos livros conhecem e apreciam. — (d. s.)

ITALIA D'OGGI—Ed. «*Libro Italiano nel Mondo*» — Roma, 1941 — págs. 254.

Com este título, foi reunido num volume um conjunto de ensaios literários, através dos quais se torna possível oferecer ao leitor uma enumeração, necessariamente sumaria, mas orgânica, da nossa cultura contemporânea. Com este balanço, oferecido sob a forma de bibliografias documentadas, a Itália demonstra que, não obstante a guerra, não desiste da sua milenar função histórica de vivificar as letras, as ciências e as artes. Desta forma, em pouco mais de duzentas e cinquenta páginas — por meio de vinte e

dois ensaios, a maior parte dos quais acompanhados de uma indicação bibliográfica essencial e suficiente para dar uma ampla informação — foi preparada matéria necessária a uma história ideal do último vinténio, construído com homens novos e com obras novas. Colaboraram no volume o Ministro da Educação Nacional, o Ministro da Agricultura, o Sub-Secretário das Corporações, Académicos de Itália, professores Universitários, estudiosos, críticos, artistas e jornalistas.

S. P. N.

Uma bellissima edição, cheia de bom gosto, é a da Secção de Propaganda da Comissão Nacional dos Centenários, relativa à *Paisagem e Monumentos de Portugal* (em 4.º, págs. 81, grav. XLVIII).

Carlos Queiroz prepõe à colecção de fotografias de Mário de Novais, uma descrição lírica em que evoca as belezas recônditas e conhecidas das terras lusitanas, e Luiz Reis Santos um panorama crítico da arte monumental. O objectivo da publicação é crear e desenvolver o culto da paisagem, relacionado com a etnografia e a arte portuguesas.

Também é esplêndido o album, dirigido por J. Leitão de Barros, dedicado ao *Portugal 1940*, com documentos fotográficos das realizações sociais e políticas do Es-

tado Novo Português: as obras para a infância, a escola, a mocidade, o desporto, a assistência às classes pobres, as comunicações, os trabalhos públicos, as artes, o Exército, a Marinha, as Colónias, etc.

Dela resulta um documentário singelo e evidente do Portugal de Carmona e Salazar, feixe de energia e de vontade no campo europeu e internacional.

Dedicado ao Norte do País, saiu um número especial de «*Panorama*», com original apresentação tipográfica, fotografias a branco e negro e coloridas, muito perfeitas, e textos breves mas de bom conteúdo de A. Cruz, A. de Matos, A. Arroio, C. Queiroz, A. Pinto, D. de Macedo, L. Chaves, A. de Lacerda, etc., relativos ao Porto, ao Minho, a Trás-os-Montes, ao Douro Litoral, e à Beira-Alta. Os temas tratados dizem respeito à arte popular nortenha, aos costumes e aos tipos folclóricos mais característicos.

ESTUDOS COLONIAIS

No volume «*Africa d'Oggi*» (págs. 212 — Ed. Cappelli, Bologna) de Bruno Francolini, professor de geografia e etnografia colonial na R. Universidade de Nápoles, é dado um justo e amplo lugar à penetração e à colonização portuguesa no continente negro.

Passando em revista, com lucidez de visão surpreendente, os

aspectos da colonização europeia em África, o estudioso parte dos primeiros contactos que tiveram árabes e portugueses, estes últimos com uma notabilíssima obra de circumnavegação e de evangelização. Também as sucessivas fases do contributo lusitano para a história da civilização africana são largamente recordadas por F.; na segunda parte do volume, é posto em evidência o estudo das raças e dos problemas étnicos, políticos e sociais, com o auxílio de documentos da maior atendibilidade.

São dignas de interesse, no volume, as considerações sobre os vários processos e métodos da colonização europeia, sobre o regime do trabalho indígena, sobre o colonialismo italiano e a vasta obra da nossa legislação colonial, considerações do mais alto apreço científico.

O mesmo Francolini dedica, num dos últimos números da revista «*Geopolítica*», algumas páginas ao tema «*Gli europei in Africa e le basi della colonizzazione*». É modesta, em confronto com as possibilidades reais, a penetração europeia em África; não excede 4.300 000 habitantes, condensados especialmente na África mediterrânea e na austral: zonas diversas por configuração geográfica, mas assaz semelhantes por condições climáticas.

O italiano, étnica e socialmente um dos grupos maiores e mais homogêneos na África (265.000,

aproximadamente, em 1939), tem mostrado possuir as melhores qualidades colonizadoras, realizando uma imigração de carácter social e demográfico.

O problema da fixação dos europeus na África, diz principalmente respeito à aclimação, quasi sempre difícil devido a uma multiplicidade de factores negativos (elevada temperatura, grande humidade, doenças tropicais, etc.) que desaparecem nas zonas superiores a 1.000 metros.

Entre os dois trópicos vivem 400 mil europeus; cifra que poderia ser muitíssimo aumentada. Eis pois que, além da África mediterrânea e austral, até a central, orograficamente elevada, com temperaturas mitigadas e chuvas abundantes, poderá ser intensamente colonizada pelos europeus. Nestas regiões — continua F. — o branco não deverá limitar-se só a funções do governo ou a dar as directrizes económicas, mas habitar lá com a sua família, estávelmente, trabalhando, transformando e civilizando aquela vastíssima zona. (O Kénia, fertilíssimo, não tem senão 19 mil colonos europeus, em 200 mil quilómetros quadrados; outro tanto se diz para Uganda e Tanganica).

Segundo os cálculos de F., na África tropical e subtropical há lugar — sem prejudicar a existência dos 36 milhões de negros — para algumas centenas de milhares de europeus. Mas é pre-

ciso uma predominância absoluta do território no ponto de vista geopolítico, antrópico, social, uma rigorosa verificação das manifestações que interessam os eventuais pontos de convergência da humanidade branca e negra; é preciso além disso — continua o escritor — conservar, tutelar, valorizar a forma humana do trabalho indígena não procedendo segundo o critério da exploração, mas segundo o critério da civilização progressiva das raças de cor.

Estas conclusões do Prof. Francolini, são verdadeiros argumentos de problemas, pois que o povoamento europeu da África suscita tão grandes questões sociais e económicas, de molde a impôr cálculos preventivos, profundos e severos estudos. (d. s.)

PUBLICAÇÕES VÁRIAS

★ Os primeiros cinco volumes da colecção dos escritores políticos italianos, compreendendo duas séries de sessenta volumes cada uma, foram já entregues ao Duce pelo Conselheiro Nacional, Guido Mancini. Trata-se duma obra que recapitula os factos mais interessantes do pensamento político italiano, respeitantes aos seus seis últimos séculos.

O Duce, depois de ter elogiado esta interessante iniciativa, deu a sua aprovação ao projecto que lhe foi apresentado pelo referido Conselheiro Nacional, acerca

da criação de um Instituto de Estudos de escritores políticos italianos, que terá por fim, entre outras coisas, a reivindicação primordial das doutrinas políticas italianas.

★ O ilustre académico, professor doutor Egas Moniz reuniu recentemente num livro (*Ao lado da Medicina* — Liv. Bertrand, págs. 399) algumas brilhantes conferências sobre temas do maior interesse científico e histórico (*Psicoses sociais, O Teatro inédito de Júlio Denis, Os médicos no teatro vicentino, Os pintores da loucura, O Papa João XXI, Divagações sobre Arte*), acrescentando a obra com algumas biografias de Ricardo Jorge, Joseph Babinski, Magalhães Lemos, A necrofilia de Castelo Branco, e algumas alocações pronunciadas na Academia Brasileira, etc.

★ A fecunda actividade de João Ameal é enriquecida por um volume sobre *João de Brito — Herói da Fé e do Império* (S. P. N. — págs. 94), o glorioso mártir português que a Igreja reconheceu como digno dos altares. A viva e apaixonada biografia descreve a obra religiosa e o martírio do grande jesuíta na sua missão nas inhóspitas terras de Maravá, onde ele foi mensageiro da fé de Cristo e da civilização ocidental.

Do mesmo autor saiu há pouco a segunda edição, revista e aumentada, de «*São Tomaz de Aquino*», que tanto sucesso obte-

ve ao aparecer e que em Itália foi favoravelmente acolhida e comentada.

★ Acabam de sair na colecção da «Enciclopédia biográfica e bibliográfica italiana» o segundo e terceiro volumes dedicados a *Homens políticos do Ressurgimento Italiano*, o volume único dedicado aos «*Teóricos históricos e críticos das artes figurativas do século XIX*» o volume dedicado às «*Poetisas e escritoras*», e também os dois volumes dedicados aos «*Precursores, pioneiros e combatentes de África*», documentação feita às façanhas dos italianos no continente negro e afirmações do nosso sagrado direito ao Império.

★ Ao admirável documento que é o «*Giornale di bordo*» de Cristóvão Colombo, o editor Bompiani faz seguir um livro que contém: 1) os relatórios de Cristóvão Colombo sobre três sucessivas viagens por ele realizadas e que conduziram à descoberta de Cuba e Jamaica, das Pequenas Antilhas, da zona do Panamá; 2) as descrições sincrónicas dos mesmos factos por outros autores; 3) as cartas de Colombo sobre as suas viagens e sobre as suas desventuras particulares, e os seus dois testemunhos. São páginas nunca mais traduzidas em italiano, confinadas em obras reservadas aos eruditos: elas constituirão, para a grande massa dos leitores, uma verdadeira revelação.

★ Dificuldades de todos os gé-

neros têm retardado a publicação da obra de Comparetti (*Virgílio nel Medio Evo* — 2.º vol. — «La Nuova Italia» — Florença, 1941; págs. 332), entre outras as necessárias consultas bibliográficas em institutos estrangeiros, que têm sido seriamente prejudicadas pelo actual estado de guerra. Desta forma, entre a publicação do primeiro e do presente volume, decorreu um lapso de tempo demasiado longo.

Como se sabe, a obra de Comparetti permanece, para os estudos filológicos, obra clássica, à qual — não obstante os defeitos que o tempo e a sucessiva investigação têm posto em relevo — deve recorrer todo o medievalista que se honra.

A edição é revista pelo príncipe da investigação filológica Giorgio Pasquali, que não se limitou a rever e corrigir todas as notas, mas submeteu à apreciação de especialistas competentes os textos medievais que nessa altura ainda não tinham sido publicados de novo em edições críticas.

★ No segundo volume, secção primeira, das relações e comunicações apresentadas ao oitavo Congresso Internacional de Agricultura Tropical e Subtropical, que se realizou em Roma, vem inseridos alguns notáveis estudos relativos ao Império português: J. Bento Alves, *Organização de serviços de agricultura. Seu aspecto em Angola*; O. Le Mello Geraldès, *Réflexions au*

sujet de l'extension des cultures indigènes et de la protection de la nature; C. Duarte, *L'enseignement agricole dans la métropole et dans les colonies portugaises*; C. V. Duarte, *Agricultura indígena e os seus métodos de progresso em Timor*; F. M. Grillo, *L'indigène et l'agriculture africaine*; A. E. Neves de Fontoura, *Colonização indígena. A instrução ministrada aos indígenas na Colónia portuguesa de Timor*.

★ Teve grande acolhimento no ambiente literário e científico espanhol a iniciativa do Instituto de Cultura Italiana de Madrid, que começou a publicar uma atraente colecção de *Cadernos* de temas italianos. Tal iniciativa é tanto mais significativa quanto é certo que, para lhe dar actuação, foram convidadas eminentes personalidades espanholas, algumas das quais tem tratado um tema específico. I. Sanchez Tejerina, catedrático da Universidade de Salamanca, expôs em breves linhas as principais figuras dos penalistas italianos, desde Beccaria a Arturo Rocco; A. M. Ruiz de Gordejuela recordou Antonio Pigafetta, pon-do em justo relevo a invulgar figura do nosso navegador, definindo-o «o mais completo narrador da primeira viagem à volta do mundo»; R. Perez Fernandes estuda com amor os influxos da arquitectura italiana em Salamanca, com amplos recursos de dados e de observações; R.

Royo-Villanova y Morales, professor da Universidade de Valladolid, expõe com eficazes sínteses a actualidade do grande físico Luigi Galvani na biologia e na medicina modernas.

★ É justo mencionar a actividade da Livraria Editora Educação Nacional (Porto) que imprimiu em terceira edição melhorada o *Dicionário Complementar da Língua Portuguesa* (págs. 1.395) de Augusto Moreno, autor de quatro volumes de *Lições de Linguagem* (págs. 1.220) — recomendável pelo seu carácter prático, pela sua concordância com os preceitos oficiais em vigor, pela variabilidade dos assuntos chamados ao campo de elucidação.

Sempre no campo da filologia, a L. E. E. N. — que publicou há alguns anos um ótimo *Dicionário de Dificuldades da Língua Portuguesa* (págs. 429) de Vasco Botelho do Amaral pôs à venda um volume de I. Xavier Fernandes, *Estudos de Linguística* (págs. 377), muito interessante, um de José Inês Louro sobre *Questões de Linguagem Técnica e Geral* (págs. 389) cientificamente bem elaborado, um outro de I. Xavier Fernandes *Toponimos e Gentílicos* (1.º vol. págs. 410) favoravelmente acolhido pela crítica.

Na colecção *Autores Clássicos*, saíram *Sermões e Lugares selectos* de P.º António Vieira, *Trechos Escolhidos* de D. Francisco Manuel de Melo, *Páginas Esco-*

lhidas, do P.^o Manuel Bernardes, com ensaios biográficos e histórico-críticos, notas e índices remissivos por Mário Gonçalves Viana.

★ Para a obra de divulgação histórica traz um bom contributo a colecção *Figuras Nacionais*, na qual são biografadas as mais significativas personalidades a história, do pensamento e da cultura portuguesa. O autor das doze biografias até agora saídas é Mario Gonçalves Viana, que as escreveu com paixão de educador e ótimo sentimento crítico, enquadrando cada uma delas na sua época: *L. de Camões*, *Gil Vicente*, *Almeida Garrett*, *Rainha D. Leonor*, *Alexandre Herculano*, *Vasco da Gama*, *Rei D. Diniz*, *Infante D. Henrique*, *Nuno Álvares*, *Mousinho de Albuquerque*, *Santo António de Lisboa*, *Afonso de Albuquerque*.

★ Ao cuidado de Francisco Torrinha e Augusto C. Pires de Lima saiu há pouco o undécimo volume da *Colecção Portugal* do editor Domingos Barreira, com o texto da *Farsa de Inês Pereira* de Gil Vicente. Os outros anteriormente publicados são: *Auto da Alma* de Gil Vicente (A. C. Pires de Lima), *Texto Anotado* de Fernão Lopes (J. Ferreira), *Pão partido em pequeninos* de P.^o Manuel Bernardes, (A. C. Pi-

res de Lima), *El-Rei Seleuco* de Luiz de Camões (A. C. Pires de Lima), *Década 1.^a Livro IV* de João de Barros (J. Pereira), *Os Lusíadas* de Camões, trechos escolhidos (J. Ferreira), *Poesias Selectas* de Frei Agostinho da Cruz (A. C. Pires de Lima), *Sermão e Carta* de P.^o António Vieira (J. Ferreira), *Relógios Falantes* de Francisco Manuel de Melo (J. Ferreira).

A utilidade destes livrinhos, pela clareza do texto, pelas introduções, notas, sobretudo os glosários, é evidente, considerado o fim de divulgação a que são destinados.

★ A Livraria Civilização Editora, prossequindo a sua colecção de *Textos de História*, publicou a *Crónica do descobrimento e conquista da Guiné* de Gomes Eanes de Zuzara, (2 volumes de págs. 274-312), segundo o manuscrito da Biblioteca Nacional de Paris, modernizada com notas, glossário e uma introdução de José de Bragança.

★ Coimbra Editora aumentou a sua *Colecção «Universitas»* com o *Auto da embarcação da glória*, de Gil Vicente, no texto original da edição de 1562, com versão portuguesa, introdução e notas de Paulo Quintela, professor da Faculdade de Letras de Coimbra. — (d. s.)